

Decomposição do Spread Bancário no Brasil: Uma Análise do Período Recente

Henrique O. Massena Reis Júnior

Mestre em Ciências Econômicas (PPGCE/UERJ) e Doutorando da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ), Brasil

Luiz Fernando de Paula

Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE/UERJ) e Pesquisador do CNPq, Brasil

Rodrigo Mendes Leal

Economista do BNDES e Doutorando do Programa de Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ), Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é avaliar a estrutura do spread bancário ex-post no Brasil, no período 2000-2008, usando o método de decomposição contábil. Para tanto, leva-se em conta as especificidades dos diferentes segmentos de bancos (grandes bancos varejistas, bancos varejistas públicos e bancos especializados em crédito), definidos considerando características como tamanho, tipo de negócio e clientela, característica do funding, etc., e ainda o controle de capital (público, privado nacional e estrangeiro). Esta segmentação do setor bancário permite avaliar a evolução do spread e sua decomposição, assim como comparar os diferentes segmentos do mercado bancário no Brasil.

Palavras-chave: Spread Bancário, Crédito, Setor Bancário Brasileiro

Classificação JEL: G2, G21, G14

Abstract

The main objective of this paper is assessing the structure of ex-post bank spread in Brazil during 2000-2008 period, using the method of accounting decomposition, and focusing in particular on the different segments of banking sector (big retail banks, public retail banks and credit specialized banks), that are defined according to some features, as size, type of business and clients, characteristics of funding, and also shareholding control (state-owner, private domestic and foreign banks). The segmentation of the banking sector allows us to assess the evolution of bank spread and its accounting decomposition, as well as to compare the different segments of the banking market.

1. Introdução

O spread bancário é uma medida do custo de intermediação financeira utilizada internacionalmente como indicador de sua eficiência (World Bank e IMF 2005). Essa medida é definida de forma geral como a diferença entre os valores que o banco cobra dos tomadores de empréstimo e os valores que o banco remunera os depositantes (Brock e Rojas-Suarez 2000). A utilização dessa definição abrangente tem como objetivo possibilitar uma ampla análise do que o spread bancário representa e de suas diferentes medidas na literatura empírica.

Sobre a interpretação do spread bancário, cabe destacar que maior spread bancário não implica necessariamente maior lucro, pois o lucro é o que sobra do spread bancário após a subtração dos custos da operação bancária, quais sejam: despesas administrativas, tributárias e de inadimplência (Costa e Nakane 2005b).

Considerando que a literatura empírica sobre spread bancário apresenta focos analíticos diferenciados, Dick (1999) propõe uma tipologia da abordagem metodológica dos estudos: evolução, estrutura e determinantes. A abordagem da *evolução* compreende a análise do comportamento desta variável ao longo do tempo. A segunda abordagem, a da *estrutura* ou da decomposição, constitui a análise dos componentes de destino (categorias de despesas ou resultado líquido) que o banco direciona o spread bancário. A abordagem dos *determinantes*, por sua vez, analisa em que medida a variação dos fatores explicativos do spread afeta seu comportamento, normalmente por meio de estimativas econométricas.

Além da importância da abordagem metodológica, Leal (2006) mostra que as especificidades de medida do spread bancário podem influenciar os resultados, e propõe uma tipologia que considera três categorias da medida, referentes a: origem da informação (ex-ante ou ex-post), abrangência da amostra (de modalidades e de bancos) e tipo de conteúdo (com ou sem receitas de serviços). O aspecto de maior destaque é a origem da informação, pois o spread bancário pode ser calculado por meio de:

- i) informações ex-ante, de acordo com as taxas (preços) estabelecidas pelos bancos, ou
- ii) informações ex-post, de acordo com o resultado (contábil) efetivamente realizado dos bancos (Demirgüç-Kunt e Huizinga 1999).

Em segundo lugar, é importante identificar a abrangência da amostra de bancos, tendo em vista que o indicador geral consiste na agregação de informações de diversas modalidades de crédito¹ e diversos bancos² (Costa e Nakane 2005b). Em terceiro lugar, quanto ao conteúdo da medida, deve ser observada a definição das

* Recebido em janeiro de 2011, aprovado em setembro de 2012.

E-mail addresses: kikoag82@yahoo.com.br, luizfpaula@terra.com.br, rmendesleal@gmail.com

¹ Para uma análise da evolução diferenciada das taxas de empréstimos por modalidade no Brasil, ver Paula e Leal (2006).

² Brock e Rojas-Suarez (2000) apresentam evidências de significativa heterogeneidade entre os bancos para a Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Peru; e sugerem que pode ser enganoso o foco em agregados para entender o comportamento do spread.

taxas de receita e de despesa de intermediação financeira, que podem considerar ou não as tarifas e comissões cobradas pelos bancos aos depositantes e tomadores de empréstimos (Brock e Rojas-Suarez 2000).³

O Brasil apresenta elevados spreads bancários em relação aos padrões mundiais (Singh et alii 2005; Oreiro et alii 2006), que contribuem para a combinação desfavorável de baixa relação crédito/PIB e de altas taxas de juros das operações de crédito no país, constituindo restrição à obtenção de crédito⁴ e, por consequência, ao crescimento econômico do país.⁵ No país, o spread bancário é objeto de extensa e diversificada literatura, tendo sido realizada por Leal (2006, 2007) uma análise comparativa dos estudos empíricos sobre sua estrutura e determinantes.⁶

Esta problemática motivou, a partir de 1999, o projeto de redução de juros e spread bancário do Banco Central do Brasil (doravante BCB), com a divulgação de relatórios anuais analisando a evolução, a estrutura e os determinantes do spread bancário (ex-ante), além da proposição e avaliação de uma série de medidas para sua redução. Já a literatura sobre o spread ex-post é mais escassa, contendo alguns estudos na literatura nacional sobre sua evolução (Matias 2006), estrutura (FIPECAFI 2004, 2005; Matias 2006) e determinantes (Guimarães 2002).

O objetivo principal deste artigo é avaliar a decomposição do spread bancário ex-post (contábil) no Brasil, no período 2000-2008, considerando características como tamanho, tipo de negócio e clientela, característica do funding, etc., e ainda o controle de capital (público, privado nacional e estrangeiro). Em particular, a presente análise está relacionada à seguinte questão: Que tipo de diferenciação na decomposição do spread bancário há para os diferentes segmentos de bancos no Brasil?

A contribuição desta pesquisa em relação à literatura do spread bancário no Brasil se dá em duas dimensões. A primeira, mais geral, consiste na avaliação da estrutura do spread ex-post para um período e uma amostra de bancos mais abrangente, em relação a Matias (2006) e FIPECAFI (2004, 2005), possibilitando maior comparabilidade com a decomposição do spread ex-ante estimada pelo BCB. A segunda, mais específica, é a avaliação das especificidades da decomposição do spread bancário entre os diferentes tipos de bancos, motivado por algumas evidências da literatura nacional, como Costa e Nakane (2005b), cujos dados apresentados, de dezembro de 2002, mostram que os bancos privados (especialmente os grandes) possuem, em relação aos bancos públicos, menor participação dos componentes despesas administrativas e inadimplência, bem como maior participação do componente resíduo do banco.

³ Brock e Rojas-Suarez (2000) argumentam que estas cobranças fazem parte do custo de intermediação financeira, pois efetivamente aumentam o custo dos tomadores de crédito e diminuem a remuneração recebida pelos depositantes.

⁴ Singh et alii (2005) apresentam evidências de que a relação crédito dos bancos comerciais/PIB no Brasil em 2003 era significativamente inferior à de diversos países sul-americanos e desenvolvidos.

⁵ Há significativos indícios na literatura internacional (Levine 2004) e nacional (Matos 2002) da existência de uma relação positiva do desenvolvimento do sistema financeiro com o crescimento econômico.

⁶ Para uma resenha da literatura internacional, ver Leal e Paula (2011).

O artigo está dividido em quatro seções, além desta Introdução. A Seção 2 apresenta uma resenha comparativa da literatura sobre decomposição do spread bancário no Brasil. A Seção 3 detalha a metodologia utilizada na pesquisa empírica, ou seja, o método de decomposição contábil do spread bancário e a amostra utilizada. A Seção 4, por sua vez, analisa a decomposição do spread bancário no Brasil no período 2000-2008. Por fim, a Seção 5 conclui o artigo.

2. Revisão da Literatura sobre Estrutura do Spread Bancário

2.1. *Decomposição do spread bancário ex-ante*

Os relatórios mais recentes do Banco Central do Brasil (2007, 2008) apresentam a decomposição do spread bancário ex-ante para operações pré-fixadas, utilizando a mesma metodologia de Banco Central do Brasil (2005), que aprimorou a metodologia de cálculo anterior no que se refere às despesas administrativas⁷ e de inadimplência.⁸ É ressaltado que, em função da utilização de um modelo estatístico para o cálculo da participação das despesas administrativas, o acréscimo de novas informações à base de dados implica a revisão desse componente para toda a série (Banco Central do Brasil 2005, p. 12). Também é destacado que o resíduo líquido é uma medida imperfeita da margem do banco, uma vez que incorpora todos os erros e omissões da estimativa (como a não inclusão no cálculo dos subsídios cruzados da aplicação compulsória de recursos em crédito rural e habitacional).

O Quadro 1 sintetiza a evolução dos estudos sobre estrutura do spread bancário ex ante que têm sido feitos pelo BCB, onde fica claro o aprimoramento no método de aferição do spread, inclusive com o aumento no número de bancos na amostra considerada, obviamente com implicações nos resultados obtidos. Por exemplo, o aperfeiçoamento na medida de inadimplência no relatório de 2005 resultou no aumento da importância desta variável, que passou a ter destaque junto com as duas outras já consideradas nas estimativas do período anterior (margem líquida e despesas administrativas).

⁷ O aperfeiçoamento da alocação dos custos administrativos é realizado através da alteração do parâmetro de preço de capital da função custo (Banco Central do Brasil 2005, p. 18).

⁸ De acordo com a Resolução 2.682/1999. O cálculo da inadimplência passa a ser definido com base nas regras de provisionamento do BCB, ou seja, passa a ser calculada com base nas classificações de risco das carteiras de empréstimos dos bancos e suas respectivas provisões mínimas. Destas provisões, 20% são considerados como perdas, para efeito do cálculo do componente inadimplência. No relatório, é avaliado que a medida de inadimplência ganha precisão, ao considerar uma medida de risco de crédito percebido pelo banco no momento da precificação dos empréstimos (Banco Central do Brasil 2005, p. 18).

Quadro 1 – Literatura sobre a estrutura do spread bancário ex-ante no Brasil

Estudo	Período	No. Bancos	Evolução do Método	Maiores componentes (trajetória no período)
Banco Central do Brasil (1999)	ago/1994 a jul/1999	17	Pioneiro	Administrativo (-); Margem líquida (+); Inadimplência (-,+); Impostos diretos (-)
Banco Central do Brasil (2000, 2001, 2002, 2003)	fev/1999 a ago/2003	17	Melhora qualidade dos dados	Margem líquida (+); Impostos diretos (+,-); Administrativa (-); Inadimplência (-,+)
Banco Central do Brasil (2004)	2000 a 2003	cerca de 80	Melhora alocação de custo e inclui compulsório	Administrativo (-); Margem líquida (+); Inadimplência (-,+); Impostos diretos (+,-); Impostos indiretos (-,+)
Costa e Nakane (2005a)	dez/01	50	Inclui subsídio cruzado	Inadimplência; Administrativo; Margem líquida
Banco Central do Brasil (2005)	dez/2001 a dez/2004	cerca de 80	Melhora alocação de custo e o cálculo da inadimplência	Inadimplência (+); Administrativo (+); Margem líquida (+,-); Impostos diretos (-); Impostos indiretos (+)
Banco Central do Brasil (2006, 2007)	2001 a 2007	cerca de 80	Idem	Inadimplência (+); Margem líquida (+,-); Administrativo (+,-); Impostos diretos (-); Impostos indiretos (+)
Banco Central do Brasil (2008)	2001 a 2008	cerca de 80	Melhora o cálculo do custo de direcionamento do crédito (compulsório e subsídio cruzado) e dos impostos indiretos	Inadimplência (-); Margem líquida (+,-); Administrativo (+,-); Impostos diretos (+); Impostos indiretos (-)

Fonte: Elaboração própria, com base em Leal (2006) e Banco Central do Brasil (2006, 2007, 2008).

Nota: Os componentes do spread são apresentados na ordem de participação. Legenda da trajetória da participação: crescimento (+), diminuição (-).

Na Tabela 1 os dados mostram a evolução e a estrutura do spread bancário ex-ante no Brasil segundo a nova metodologia do Banco Central do Brasil (2008), que melhorou o cálculo do custo do direcionamento do crédito (compulsório e subsídio cruzado) e dos impostos indiretos.⁹ Observamos no período um movimento de forte redução do custo administrativo o que possivelmente está ligado a ganhos de escala associados ao crescimento do crédito. O mesmo movimento é observado para os componentes compulsório e crédito direcionado, impostos indiretos e FGC, impostos diretos, e margem líquida, erros e omissões, sobretudo a partir de 2003 até 2007, em trajetória similar ao do spread total. Em 2008 temos a inversão desta tendência, devido ao aumento da percepção de risco dos

⁹ Na nova metodologia, estima-se o efeito dos subsídios cruzados causados pelo direcionamento obrigatório de parte dos depósitos a vista e da poupança para aplicação em crédito rural e/ou crédito habitacional, passando a utilizar como taxa de referência de captação as taxas efetivas de captação de depósito a vista e de poupança, assim como de depósitos a prazo, e não mais a taxa média de captação das operações Swap Pré \times DI para todo o sistema bancário. Quanto ao impacto dos recolhimentos compulsórios, passou a considerar os custos efetivos de captação dos depósitos bancários que originam os recolhimentos compulsórios ao invés do custo de oportunidade, como era feito na metodologia antiga. Por fim, no que se refere aos impostos indiretos, na nova metodologia derivam-se novas fórmulas de cálculo do efeito da cobrança dos impostos indiretos sobre o spread, separando os tributos segundo as respectivas bases de cálculo. Para maiores detalhes, ver Banco Central do Brasil (2008, Cap. 2).

bancos com a crise do subprime. Vale salientar que a redução da margem líquida não acompanhou a mesma proporção da redução do spread total implicando no aumento da participação deste componente no spread total o que pode indicar que os bancos não repassaram integralmente a redução dos seus custos administrativos e governamentais (impostos indiretos e FGC, compulsório e crédito direcionado). Em relação à inadimplência esta apresentou forte oscilação no período.

Tabela 1

Estrutura do spread bancário ex-ante (Banco Central do Brasil 2008)

Componentes	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Custo Administrativo	7,9	7,0	8,9	7,1	7,0	6,2	4,8	4,7
Inadimplência	11,3	12,6	13,8	10,3	12,0	12,5	9,3	13,4
Custo do compulsório e do crédito direcionado	2,7	2,0	2,4	1,6	1,2	0,7	0,6	0,7
Impostos indiretos e FGC	1,8	2,0	1,9	1,7	1,7	1,3	1,1	1,5
Impostos diretos	5,6	6,4	5,0	5,2	5,0	4,8	4,4	7,9
Margem líquida, erros e omissões	10,6	12,3	9,4	9,8	9,6	9,3	8,3	11,8
Spread Total	40,0	42,5	41,5	35,6	36,4	34,8	28,4	40,0

Fonte: Banco Central do Brasil (2008, p. 41).

2.2. Decomposição do spread bancário ex-post

A FIPECAFI (2004) desenvolveu, sob encomenda da FEBRABAN, um modelo de apuração da estrutura do spread bancário com base nas demonstrações contábeis dos bancos, considerando na amostra bancos públicos, privados nacionais e privados estrangeiros, de diferentes portes (grande, médio e pequeno).¹⁰ Este estudo sugere três categorias de spread:

- i) bruto, que são as receitas financeiras deduzidas somente das despesas financeiras de captação;
- ii) direto, após excluir do spread bruto as outras despesas diretamente identificáveis com os produtos; e
- iii) líquido, obtido por meio do spread direto menos as despesas indiretas apropriadas e os impostos sobre os lucros.

Adicionalmente, a metodologia considera a despesa de captação associada ao volume de empréstimos (volume médio multiplicado pelo CDI médio), líquida dos resultados da captação.

¹⁰ Foram objeto do estudo seis modalidades pessoa física (crédito pessoal, cheque especial, CDC veículos, CDC geral, empréstimo em folha de pagamento e crédito rural) e sete modalidades pessoa jurídica (descontos de duplicatas e cheques, operações de hot money, empréstimo de capital de giro, conta garantida, crédito rural, repasse BNDES/FINAME, operações ACC). Os bancos da amostra representavam 58,82% do ativo total do Sistema Financeiro Nacional em dezembro de 2003.

FIPECAFI (2005) estima a decomposição do spread através metodologia similar à de FIPECAFI (2004), com dados do primeiro semestre de 2005 e ampliação da amostra, acrescentando mais três bancos além dos oito bancos considerados em FIPECAFI (2004). As comparações entre os resultados dos dois períodos são afetadas também pelo aperfeiçoamento dos critérios de alocação de custos e pela ampliação das modalidades consideradas.

Matias (2006) analisa a evolução e decomposição do spread bancário ex-post no Brasil, considerando dados contábeis anuais dos 20 maiores bancos no período de 2001 a 2005. Neste estudo, a receita de intermediação utilizada é mais abrangente que as medidas tradicionalmente utilizadas para o spread, pois considera, além das receitas de crédito, as receitas de operações de tesouraria. Concluindo, o autor argumenta que as propostas para diminuição do risco de inadimplência e dos tributos não são suficientes para resolver o problema do spread no Brasil, pois as diferenças mais significativas dos indicadores nacionais em relação aos internacionais provêm das despesas estruturais, que diminuam sua participação no spread bancário, mas ainda são seu maior componente, e da taxa de resultado, que se manteve como o segundo maior componente do spread bancário, com participação significativamente crescente.

Tabela 2
Estrutura do spread bancário ex-post

Componentes	Matias (2006)					FIPECAFI	
	2001	2002	2003	2004	2005	2003	2005*
Spread Total (pp)	11,0 pp	11,0 pp	10,9 pp	11,3 pp	12,2 pp	17,0 pp	7,9 pp
Spread Total (%)	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Despesas operacionais	61,70%	54,80%	53,70%	51,40%	45,90%	45,10%	46,80%
Inadimplência	14,60%	17,80%	13,80%	13,30%	15,80%	32,70%	25,30%
Impostos	8,10%	9,80%	13,40%	13,40%	16,50%	11,30%	13,90%
Resultado	15,60%	17,60%	19,00%	22,00%	21,90%	10,90%	12,70%

Fonte: Elaboração própria, com base em Matias (2006) e FIPECAFI (2004, 2005).

Nota: Dados de FIPECAFI de 2005 são referentes somente ao 1º semestre.

Dos resultados da estrutura do spread ex-post, conforme ilustrado no Quadro 2, pode-se observar que o componente com maior participação são as despesas operacionais. O resultado dos bancos apresenta uma participação mais destacada em Matias (2006) do que o spread líquido nos estudos da FIPECAFI (2004, 2005), o que possivelmente está associado ao fato de que o primeiro considera na medida do spread bancário, além das receitas de intermediação, as receitas de tesouraria e de serviços.

Quadro 2 – Literatura sobre a estrutura do spread bancário ex-post no Brasil

Estudo	Período	No. Bancos	Tipo de spread bancário	Método da decomposição	Maiores componentes (trajetória no período)
FIPECAFI (2004)	2003	8	Spread bruto de intermediação, calculado em relação ao capital emprestado.	Rateio dos custos diretos e considera 13 modalidades	Despesas operacionais; Devedores duvidosos; Spread líquido
FIPECAFI (2005)	1º sem. / 2005	11	Spread bruto de intermediação, calculado em relação ao capital emprestado.	Rateio aperfeiçoado dos custos diretos e considera mais modalidades	Despesas operacionais; Devedores duvidosos; Spread líquido
Matias (2006)	2001 a 2005	20	Spread total de intermediação, tesouraria e serviços, calculado em relação ao ativo operacional.	Decomposição tradicional, utilizando despesas em relação ao ativo operacional.	Despesas operacionais (-); Resultado (+); Impostos (+); Devedores duvidosos (+,-)

Fonte: Elaboração própria dos autores.

2.3. Análise comparativa da decomposição do spread ex-ante e ex-post

Leal (2006) identifica que as metodologias de decomposição do spread apresentam diferenças significativas que influenciam os resultados. Após reconhecer a limitação de comparações dos estudos da estrutura do spread bancário ex-ante e ex-post, ressaltando significativas diferenças metodológicas relacionadas à forma de medição e amostra de bancos, o autor destaca as seguintes conclusões:

- i) Sem considerar a ordem de importância, os principais componentes da estrutura do spread ex-post são similares ao spread ex-ante, que são as despesas operacionais, a inadimplência e a margem líquida.
- ii) O grau de importância dos componentes do spread bancário é significativamente afetado pela metodologia de decomposição:
 - a) para o spread ex-ante, os aprimoramentos metodológicos do BCB resultaram em aumento da importância da inadimplência e diminuição para a margem líquida (Costa e Nakane 2005b,a);
 - b) para o spread ex-post, as adaptações metodológicas incorporaram elementos de despesa e receita que implicam numa medida maior de spread bancário, e podem resultar em maior resíduo do banco.

Em relação à evolução da participação dos componentes ao longo do tempo, os dados mais recentes para o spread ex-ante do Banco Central do Brasil (2008) indicam redução das despesas administrativas, bem como oscilação relevante das despesas de inadimplência e do resíduo do banco, com uma sutil tendência de aumento da inadimplência. Ocorre que essa trajetória apresenta, no período até 2005, diferenças em relação aos dados do spread ex-post analisados por Matias (2006), especialmente pelo fato de que no caso do spread ex-post foi identificada forte redução para a despesa administrativa e forte crescimento para o resultado líquido do banco. Cabe a ressalva das especificidades metodológica de Matias (2006), que consideram uma amostra de 20 maiores bancos e inclui as receitas de

tesouraria e de serviços no cálculo do spread, que proporciona maior nível para o spread bancário. Esta medida mais abrangente do spread bancário tende a ser mais elucidativa da atividade bancária como um todo, e por consequência do desempenho do resultado líquido do banco, mas, ao mesmo tempo, apresenta complexidade para sua desagregação para o monitoramento específico das modalidades de crédito.

2.4. Características segundo categorias de bancos

Cabe registrar algumas evidências de diferenciação entre categorias de bancos identificadas na literatura nacional. Guimarães (2002) sugere que entre 1995 e 2001 os bancos domésticos privados apresentaram maiores margens e lucros que os bancos estrangeiros, estes com margens e lucros superiores aos bancos domésticos públicos. Especificamente para a estrutura do spread ex-ante, Costa e Nakane (2005b), com dados de dezembro de 2002, conforme Tabela 3, indicam que a amostra de bancos privados (e, de forma mais intensa, os grandes bancos privados) possui, em relação aos bancos públicos, menor participação dos componentes despesas administrativas e inadimplência, bem como maior participação do componente resíduo do banco.

Tabela 3
Estrutura do spread bancário ex-ante (em participação %) – Dez/2002

Componentes do spread bancário	Grandes bancos privados (17)	Bancos privados (61)	Bancos públicos (14)	Amostra completa (100)
Custo Administrativo	21,12%	22,47%	38,26%	28,34%
Inadimplência	23,03%	25,35%	30,44%	27,31%
Custo do Compulsório	10,66%	9,76%	7,23%	8,31%
Impostos Indiretos + FGC	2,27%	2,28%	2,50%	2,28%
Impostos Diretos	11,35%	10,78%	9,58%	10,29%
Resíduo do Banco	31,56%	29,35%	11,98%	23,47%

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Costa e Nakane (2005b).

Banco Central do Brasil (2008) apresentou a evolução e estrutura do spread bancária ex-ante dos bancos públicos e privados nas Tabelas 4 e 5, respectivamente. Em geral os bancos públicos apresentaram maiores spreads totais, custo administrativo e custo do compulsório e crédito direcionado. Em compensação apresentaram menores margens que os bancos privados. Vale salientar que no ano 2008 o spread total do banco público foi menor do que o dos bancos privados ao contrário dos anos anteriores.

Tabela 4

Evolução e estrutura do spread bancário ex-ante (taxas nominais em p.p.)
 – Bancos Públicos – Nova metodologia do Banco Central do Brasil (2008)

Componentes	2004	2005	2006	2007	2008
Custo Administrativo	9,8	9,1	8,1	6,7	5,6
Inadimplência	16,2	16,7	15,4	12,7	15,0
Custo do compulsório e do crédito direcionado	2,6	2,5	2,1	1,8	1,4
Impostos indiretos e FGC	1,7	1,7	1,3	1	1,3
Impostos diretos	3,5	3,9	3,4	2,6	5,5
Margem líquida, erros e omissões	5,7	7,5	6,4	3,9	8,2
Spread Total	39,6	41,5	36,7	28,7	37,0

Fonte: Banco Central do Brasil (2008, p. 41).

Tabela 5

Evolução e estrutura do spread bancário ex-ante (taxas nominais em p.p.)
 – Bancos Privados – Nova metodologia do p. 41

Componentes	2004	2005	2006	2007	2008
Custo Administrativo	6,6	6,5	5,7	4,3	3,9
Inadimplência	9,0	10,9	11,7	8,4	11,9
Custo do compulsório e do crédito direcionado	1,3	0,9	0,4	0,2	0,3
Impostos indiretos e FGC	1,6	1,6	1,3	1,1	1,5
Impostos diretos	5,4	5,1	5,2	4,8	9,3
Margem líquida, erros e omissões	10,5	9,9	10,0	9,4	13,9
Spread Total	34,5	34,9	34,2	28,3	40,9

Fonte: Banco Central do Brasil (2008, p. 42).

3. Metodologia

3.1. Método de decomposição contábil do spread bancário

Brock e Rojas-Suarez (2000) realizaram uma análise sobre a estrutura e determinantes do spread bancário ex-post para Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, México e Peru. Nesta análise os autores utilizaram seis diferentes medidas de spread ex-post divididas em duas categorias:

- i) específica (n), que inclui somente os empréstimos (EMP) do lado do ativo e

os depósitos (DEP) do lado do passivo e,

- ii) ampla (w), que inclui todas as operações que rendem juros, ativas (AT_j) ou passivas (PA_j).

Leal (2007) fez o seguinte resumo sobre as diferentes medidas utilizadas pelos autores:

$$1n = (\text{juros recebidos}/\text{EMP}) - (\text{juros pagos}/\text{DEP})$$

$$1w = (\text{juros recebidos}/\text{AT}_j) - (\text{juros pagos}/\text{PA}_j)$$

$$2n = (\text{juros mais comissões recebidos}/\text{EMP}) - (\text{juros mais comissões pagos}/\text{DEP})$$

$$2w = (\text{juros mais comissões recebidos}/\text{AT}_j) - (\text{juros mais comissões pagos}/\text{PA}_j)$$

$$3n = (\text{juros recebidos em empréstimos}/\text{EMP}) - (\text{juros pagos em depósitos}/\text{DEP})$$

$$4w = (\text{juros recebidos} - \text{juros pagos}) / \text{Ativo total}$$

Para representar o custo de oportunidade para os depositantes e tomadores de empréstimos Brock e Rojas-Suarez (2000) consideram o indicador $2w$ como o melhor, por incluir taxas e comissões no numerador e todo o ativo e passivo que rende juros no denominador. Vale lembrar que os autores criticam o foco em agregados para entender o spread, pois seus resultados indicam grande dispersão dos indicadores calculados entre os bancos em todos os países da sua amostra. Na opinião dos autores esta dispersão pode representar diferenças nos tipos de produtos oferecidos pelos diferentes bancos assim como diferenças entre bancos públicos e privados.

Na análise de estrutura do spread bancário ex-post o estudo de referência é Demirgüç-Kunt e Huizinga (1999), que analisaram a decomposição do spread bancário ex-post para um conjunto de 7900 bancos de 80 países.¹¹ A medida de spread ex-post utilizada foi a margem líquida de intermediação (em inglês “*net interest margin*” – NIM), definida como a razão entre o resultado de intermediação financeira (RI) pelo total do ativo (AT), ou seja, a diferença entre as receitas de intermediação (sobre o total do ativo) e as despesas de intermediação (sobre o total do ativo).

A análise da estrutura do spread bancário tem como base a identidade contábil do lucro, que considera como componentes do lucro após os impostos (ATP):

- i) o resultado de intermediação financeira (RI),
- ii) os impostos (IM),
- iii) os custos administrativos (OV),
- iv) a provisão para empréstimos de liquidação duvidosa (LLP), e
- v) receitas extra-juros (ou receitas fora de balanço – NII).

Assim, dividindo todos os componentes pelo ativo total (AT), temos:

$$\frac{ATP}{AT} = \frac{RI}{AT} + \frac{NII}{AT} - \frac{OV}{AT} - \frac{LLP}{AT} - \frac{IM}{AT} \quad (1)$$

Ao isolar a razão do resultado de intermediação financeira (II) pelo ativo total (AT), que é exatamente a margem líquida de intermediação (NIM), resulta a

¹¹ A análise de Demirgüç-Kunt e Huizinga (1999) indicou que os maiores bancos apresentaram menores margens, lucros e custos administrativos em relação aos menores bancos.

equação de decomposição da margem, que é o cálculo da participação percentual de cada um dos seus componentes, conforme segue:

$$NIM = \frac{ATP}{AT} + \frac{OV}{AT} - \frac{NII}{AT} + \frac{LLP}{AT} + \frac{IM}{AT} \quad (2)$$

Observa-se que a medida margem líquida de intermediação não considera as receitas de tarifas ou serviços, e por este motivo, o componente receita extra-juros é subtraído dos componentes do spread.

A metodologia de Demirgüç-Kunt e Huizinga (1999) apresenta duas limitações: não considera as receitas de comissão e considera ativos que não rendem juros. Uma metodologia similar que não possui estas limitações é a de Matias (2006), com a vantagem de já ser adaptada às informações divulgadas pelo BCB em seu sítio. Além disso, o spread total calculado por Matias (2006) pode se classificado como um indicador $2w$, dentro da tipologia desenvolvida por Brock e Rojas-Suarez (2000).

Matias (2006) analisa a decomposição contábil do spread bancário no Brasil, utilizando três medidas do spread:

- i) *taxa de spread financeiro* (SF): a diferença entre a taxa de aplicação (razão da receita de intermediação sobre o ativo operacional, ou seja, RI/ATO) e a taxa de captação (razão da despesa de intermediação líquida da provisão para créditos de liquidação duvidosa sobre o ativo operacional,¹² ou seja, DIL/ATO);
- ii) *taxa de spread total* (ST): a soma do spread financeiro (SF) com a taxa de serviços (receita da prestação de serviços dividida pelo ativo operacional, ou seja, RS/ATO);
- iii) *taxa de resultado da atividade bancária*: o spread total (ST) descontado da taxa de inadimplência (despesa com provisão de créditos para liquidação duvidosa líquida de reversões dividido pelo ativo operacional, ou seja, $PCLD/ATO$), da taxa de despesas estruturais (despesa de pessoal e administrativa dividida pelo ativo operacional, ou seja, $DP/ATO + DA/ATO$) e da taxa de impostos (impostos diretos mais IR e contribuição social, a soma dividida pelo ativo operacional, ou seja, $(ID+IR+CS)/ATO$).

Deste modo, o modelo de decomposição contábil de Matias (2006) tem como base o seguinte sistema simples de equações para a estimativa do resultado da atividade bancária como resíduo (doravante resíduo líquido – RES):

¹² O ativo operacional, utilizado no denominador de vários dos indicadores, é calculado como a diferença do ativo total pelo ativo permanente.

$$RES = ST - Inadimplencia - Despesas Estruturais - Impostos \quad (3)$$

$$Spread\ Total = (RI - DIL + RS)/ATO \quad (4)$$

$$Inadimplencia = PCLD/ATO \quad (5)$$

$$Despesas\ Estruturais = (DP + DA)/ATO \quad (6)$$

$$Impostos = (ID + IR + CS)/ATO \quad (7)$$

Nesse contexto, considerando as especificidades do setor bancário brasileiro e a maior utilidade analítica de uma medida de spread bancário mais abrangente, este estudo utilizará o método de decomposição de Matias (2006), em que é analisado o spread total (spread financeiro mais taxa de serviços), com conteúdo mais amplo das receitas bancárias. Assim, resulta a seguinte forma de decomposição do spread total (ST):

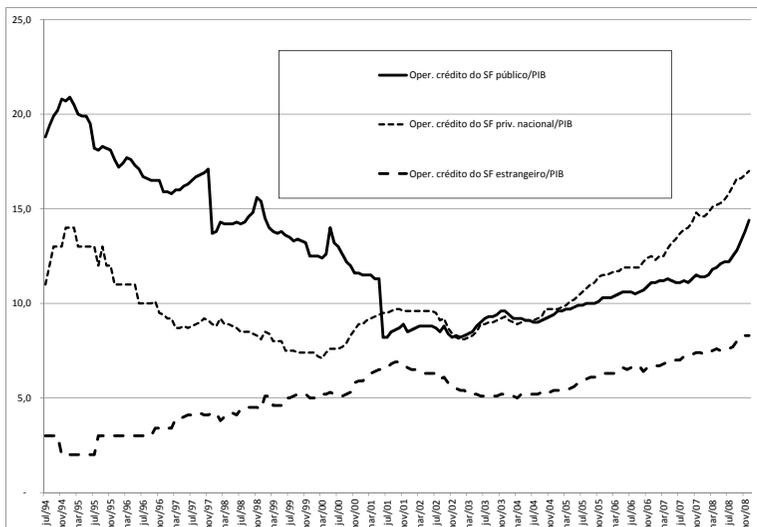
$$ST = Inadimplencia + DespesasEstruturais + Impostos + RES \quad (8)$$

3.2. Definição da amostra

A presente investigação sobre o spread bancário ex-post por segmento do setor bancário utiliza dados contábeis das instituições bancárias em períodos anuais, de 2000 até 2008, extraído dados do sítio do Banco Central do Brasil, no relatório “50 Maiores Bancos e o Consolidado do Sistema Financeiro Nacional”. O período analisado pode ser dividido dois subperíodos distintos: 2000-meados de 2003, período de forte instabilidade macroeconômica no Brasil, puxado pela forte queda no crédito do sistema financeiro público;¹³ a partir de meados de 2003, quando observa-se uma forte elevação na relação crédito/PIB nos três segmentos por propriedade de capital – privado nacional, público e estrangeiro – com crescimento maior do primeiro, embora o ano de 2008 mostre um crescimento mais forte do volume de crédito para os bancos públicos (Figura 1).

¹³ O ativo operacional, utilizado no denominador de vários dos indicadores, é calculado como a diferença do ativo total pelo ativo permanente.

Fig. 1. Operações de crédito do sistema financeiro/PIB (%)



Fonte: Banco Central do Brasil.

Assim, na definição da amostra foram escolhidos, entre os 50 maiores bancos – no que o Banco Central denomina de Consolidado Bancário I (bancos comerciais e bancos múltiplos que tenham uma carteira comercial) –, apenas aqueles que têm um perfil de banco mais voltado para a intermediação financeira (ainda que não exclusivamente), ou seja, cujas receitas com crédito são a mais importante receita do banco.¹⁴ A amostra utilizada neste trabalho corresponde em dezembro de 2008 a 85,9% do total de ativos do Consolidado bancário I⁷. Foram selecionados apenas os bancos que apareceram em pelo menos 6 anos no período 2000-2008. Como é um período em que ocorre várias fusões e aquisições bancárias, alguns bancos foram absorvidos por outros, como é o caso do BankBoston (adquirido pelo Itaú em 2006) e o BMC (adquirido pelo Bradesco em 2007). Ainda assim, tais bancos fazem parte da amostra apenas se tiverem presença em pelo menos 6 períodos. A Tabela 6 apresenta a amostra utilizada, assim como algumas características de cada banco (número de funcionários, número de agências, total de ativos e market share do banco em termos de total de ativos).

¹⁴ Deve-se ressaltar que na categoria Consolidado Bancário I há bancos com perfil mais de banco de investimento e de gestor de patrimônio, como BNP Paribas, Credit Suisse, Deutsche e UBS Pactual, que não foram considerados na amostra deste trabalho.

Tabela 6. Amostra de bancos utilizados na pesquisa empírica sobre decomposição de spread

Classe	Bancos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total geral	Nº de funcionários	Nº de agências	Total de ativos(R\$)
1,1	BB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	107.532	4.390	507.348.206
	CEF	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	103.895	2.069	295.920.330
1,2	ABN AMRO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	34.132	1.141	158.662.545
	BANKBOSTON	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6	4.096	66	22.659.457
	CITIBANK	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	5.868	127	40.481.542
	HSBC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	29.912	931	112.100.299
1,3	SANTANDER	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	54.419	2.279	344.681.912
	BRADESCO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	79.784	3.370	397.343.348
	ITAU	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	100.329	3.718	631.326.674
	SAFRA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	4.882	125	66.482.014
	UNIBANCO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	27.075	942	147.952.401
2	BANESTES	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	3.366	127	8.534.138
	BANRISUL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	11.144	427	25.375.889
	BASA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	4.086	105	7.239.780
	BESC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6	4.617	253	5.359.746
	BNB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	12.120	182	16.177.235
	BRB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	7	3.287	59	5.489.216
	NOSSA CAIXA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	14.847	563	54.280.616

Tabela 6 – Amostra de bancos utilizados na pesquisa empírica sobre decomposição de spread (cont.)

Classe	Bancos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total geral	Nº de funcionários	Nº de agências	Total de ativos(R\$)
3	ABC-BRASIL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	450	4	7.495.235
	BANCOOB										6	463	8	5.123.953
	BIC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	819	33	11.841.031
	BMC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	7	551	16	2.391.458
	BMG			1							5	392	13	7.275.664
	CRUZEIRO DO SUL				1	1	1	1	1	1	6	594	6	6.060.363
	FIBRA				1	1	1	1	1	1	6	462	14	9.205.320
	MERCANTIL DO BRASIL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	3.485	150	6.762.796
	RABOBANK	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	322	13	7.683.719
	RURAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	522	27	2.408.150
	SOFISA			1	1	1	1	1	1	1	7	293	19	5.663.735
	SS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	5	59	1	3.754.127
	VOTORANTIM	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	1.103	17	73.036.668
Total geral		22	25	27	28	30	30	29	28	25	244	614.906	21.195	2.996.117.567

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do BCB.

Nota: (*) 1.1. Grandes bancos varejistas públicos; 1.2. Grandes bancos varejistas estrangeiros; 1.3. Grandes bancos varejistas privados nacionais; 2. Bancos de varejo públicos regionais; 3. Bancos especializados em crédito.

(**) Os dados ilustrativos do porte dos bancos (funcionários, agências, ativos e market share) são todos relativos a 2007.

(***) Total de ativos refere-se ao total do Consolidado Bancário I (bancos comerciais e múltiplos).

A amostra aqui tratada pode ser dividida em dois grandes grupos: bancos varejistas e bancos especializados em crédito (ou bancos de nicho).¹⁵ Os *bancos varejistas* – em geral de médio e grande porte – se caracterizam por ter um *fundings* diversificado de recursos (depósitos a vista, depósitos de poupança, depósitos a prazo), atuação em diferentes modalidades de crédito (cheque especial, capital de giro, conta garantida, crédito ao consumidor, financiamento de veículos, etc.) e uma rede ampla de agências, que justamente dá capilaridade ao banco para captar depósitos de diferentes modalidades dos clientes (ver Tabela 7). Já os *bancos especializados em crédito* são em geral bancos de pequeno e médio porte, com um *fundings* menos diversificado de recursos (em geral, forte dependência de depósitos a prazo), especializados em poucas modalidades de crédito (em geral, capital giro, consignado e/ou financiamento a veículos) e uma rede menor de agências.¹⁶

Tabela 7

Depósitos bancários (% do total) – Dezembro de 2008

Instituição	Depósitos à vista	Depósitos de poupança	Depósitos interfinanceiros	Depósitos à prazo	Outros depósitos	Total dos depósitos
Grandes Bancos Varejistas	13,88%	24,06%	2,61%	56,25%	3,20%	100,00%
GBV – Públicos	14,35%	33,78%	3,22%	41,89%	6,75%	100,00%
GBV – Estrangeiros	12,00%	11,83%	3,11%	72,58%	0,48%	100,00%
GBV – Privados	14,30%	19,55%	1,70%	63,76%	0,70%	100,00%
Bancos Varej. Regionais Públicos	12,38%	29,15%	0,97%	55,41%	1,42%	100,00%
Bancos Especializados em Crédito	2,79%	1,69%	19,88%	75,58%	0,05%	100,00%
Total	13,40%	23,55%	3,13%	56,90%	2,98%	100,00%

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do BCB.

O grupo de bancos varejistas, por sua vez, é subdividido em *grandes bancos varejistas*, bancos de atuação geográfica nacional, com um volume de ativos de mais de R\$ 30 bilhões (dezembro de 2007) e que contam com uma clientela diversificada e um amplo espectro de serviços financeiros ofertados,¹⁷ e *bancos varejistas regionais públicos*, em geral bancos de médio e pequeno porte, com perfil de atuação geográfica regional (normalmente bancos federais, como o BNB e BASA) ou estadual (os bancos estaduais que não foram vendidos).¹⁸ Neste último grupo

¹⁵ Paula e Faria Jr (2008), para analisarem a evolução da eficiência técnica e de escala no setor bancário brasileiro, segmentam o setor bancário brasileiro da seguinte forma: grandes bancos varejistas, bancos varejistas regionais, bancos varejistas para alta renda, bancos atacadistas e bancos especializados em crédito.

¹⁶ A exceção em nossa amostra é o Banco Mercantil do Brasil que tem 163 agências em 2007.

¹⁷ Os grandes bancos varejistas se caracterizam não somente pelo tamanho como também pela diversidade, buscando atender uma clientela diversificada (baixa, média e alta renda, e clientes corporativos), e ofertam em geral tanto produtos padronizados (depósitos e empréstimos) como customizados (estruturação de negócios, fundos de investimento diferenciados, etc.). Evidentemente neste grupo há bancos que formam amplos conglomerados financeiros – como Itaú, Bradesco e Santander – e outros não tão diversificados, como a CEF (que tem como principal fonte de captação de recursos, depósitos de poupança, e tradicionalmente atua ativamente no mercado de financiamento imobiliário). Para um aprofundamento sobre estrutura e padrões de competição no sistema bancário brasileiro, ver Carvalho (2007).

¹⁸ Em realidade, após a onda de fusões e aquisições bancárias que se iniciou em 1997 com a compra do Bamerindus pelo HSBC, que envolveu a aquisição de bancos estaduais e privados, praticamente inexistiu banco de varejo de médio porte que não seja público no Brasil.

destoa a participação do Nossa Caixa, que com ativos de cerca de R\$ 54 bilhões e 560 agências é maior do que o Citibank e bem maior que seus congêneres bancos estaduais ou regionais. A Nossa Caixa, até então um banco estadual no estado mais desenvolvido no Brasil (São Paulo), foi adquirida em 2008 pelo Banco do Brasil.

Já o grupo de grandes bancos varejistas é subdividido por controle de capital em: *grandes bancos varejistas públicos* (Banco do Brasil e CEF), *grandes bancos varejistas estrangeiros* (Santander, ABN-Amro,¹⁹ HSBC, Citibank e BankBoston) e *bancos varejistas privados nacionais* (Itaú, Bradesco, Safra e Unibanco).²⁰

4. Decomposição do Spread Bancário Ex-Post no Período 2000-2008

Os dados apresentados nesta seção referem ao spread bancário total ex-post, ou seja, este spread total é calculado para cada banco como a soma da taxa do spread financeiro e da taxa de serviços financeiros, conforme detalhado previamente na metodologia.

4.1. Decomposição geral do spread bancário

Os dados apresentados na Tabela 8 correspondem ao agregado dos bancos da amostra utilizada neste estudo. Ou seja, o spread total e sua decomposição foram calculados com base na soma, em cada ano, dos valores dos respectivos ativos, despesas e receitas do conjunto de bancos da amostra. Assim, obtêm-se uma informação representativa da atuação deste conjunto de bancos no mercado. Calculou-se, ademais, uma média para o período 2000/2003 e outra para o período 2004/2008, por se tratar dois períodos com características distintas: o primeiro marcado pela instabilidade macroeconômica e redução na oferta de crédito; o segundo por um maior crescimento no PIB e na oferta de crédito.

Os resultados do spread total mostram uma tendência de ampliação de 2001 até 2005, assim como Matias (2006), que utiliza a mesma medida de spread ex-post e uma amostra menor de bancos. Este resultado, até 2005, apresenta diferenciação em relação a Banco Central do Brasil (2008), que utiliza a medida de spread ex-ante, e mostra significativa oscilação neste período. A partir de 2005, observa-se uma redução gradual e consistente no spread total – de cerca de 10,6% em 2005 para cerca de 6,1% em 2008, acompanhando a redução na taxa básica de juros Selic e a maior expansão da oferta crédito, cujo crescimento se acelera a partir de 2005 (ver Figura 1), inicialmente puxado principalmente pelas empréstimos a pessoa física. Cabe registrar que esta tendência recente de redução do spread financeiro, de 2005 a 2007, é mostrada no relatório do Banco Central do Brasil (2008). Quando se considera o spread total (spread financeiro mais taxa de serviços), pode-se notar um

¹⁹ O ABN-Amro é adquirido pelo Santander em 2007, passando a exercer seu controle societário em 2008.

²⁰ O Unibanco funde-se com o Itaú em 2008.

crescimento maior a partir de 2005, em função do aumento nas receitas com tarifas e serviços dos bancos, em parte decorrente da maior diversificação dos negócios dos grandes bancos varejistas para além da pura intermediação financeira. Observa-se que a redução no spread a partir de 2006 foi acompanhada de um aumento no resíduo líquido, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores: aumento na participação da taxa de serviços, diminuição nas despesas estruturais e queda nos impostos, em que pese o aumento recente do peso relativo da inadimplência na decomposição do spread (Tabela 8).

Tabela 8
Spread total e sua decomposição para os bancos da amostra

Dados	Pontos percentuais			Participação percentual				
	Spread financeiro	Taxa de serviços	Spread total	Inadimplência	Despesas estruturais	Impostos	Resíduo líquido	Spread total
2000	5,1%	2,3%	7,5%	12,9%	81,7%	8,8%	-3,4%	100,0%
2001	6,0%	2,4%	8,4%	20,7%	72,4%	8,0%	-1,1%	100,0%
2002	7,2%	2,4%	9,6%	15,8%	57,8%	10,5%	15,9%	100,0%
2003	7,2%	2,6%	9,8%	14,6%	56,8%	10,9%	17,6%	100,0%
Média 2000/03	6,4%	2,4%	8,8%	16,0%	67,2%	9,6%	7,2%	100,0%
2004	7,2%	2,9%	10,1%	12,4%	57,3%	12,0%	18,4%	100,0%
2005	7,7%	2,9%	10,6%	14,9%	51,1%	13,4%	20,6%	100,0%
2006	7,3%	2,8%	10,2%	17,0%	48,4%	9,9%	24,7%	100,0%
2007	6,3%	2,6%	8,8%	16,5%	49,9%	11,0%	22,7%	100,0%
2008	4,2%	1,9%	6,1%	27,2%	54,6%	-0,2%	18,4%	100,0%
Média 2004/08	6,5%	2,6%	9,2%	17,6%	52,2%	9,2%	21,0%	100,0%
Média do período*	6,5%	2,5%	9,0%	16,9%	58,9%	9,4%	14,9%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do BCB.

Nota (*): A média entre os períodos é uma média simples (todos os anos têm o mesmo peso).

Em todo o período analisado, o maior componente do spread total é a taxa de despesas estruturais; entretanto, cabe ressaltar que esta apresentou uma significativa redução na sua importância relativa desde 2001 (81,7%) a 2007 (49,9%). Quando se compara a média do período 2000-03 com o período 2004-08 verifica-se uma redução nesta variável de 67,2% para 52,2% do total do spread. Por sua vez, a taxa de inadimplência que era mais de 15% do spread total em 2001 e 2002, diminuiu a partir de então, voltando a crescer a partir de 2005, e desde então se mantendo com participação relativa igual ou superior a 15%. A participação do resíduo líquido, por seu turno, varia bastante no período, com destaque para o significativo e consistente aumento a partir de 2005, quando passa a níveis de participação superiores a 20%, o que vem mantendo o resíduo líquido como o segundo componente mais importante da decomposição do spread bancário no período recente.

Esses resultados assinalam que o ano de 2005, período mais recente analisado por estudos de decomposição do spread ex-post (Matias 2006; FIPECAFI 2004, 2005), é o marco de diversas mudanças na destinação do spread bancário.

Os resultados após 2005 mostram continuidade da tendência mostrada por Matias (2006) até 2005, de:

- i) redução significativa da participação do maior componente, as despesas estruturais;
- ii) inconstante aumento no segundo maior componente, o resíduo líquido;
- iii) oscilação de nível do terceiro maior componente, a inadimplência. Este resultado é diferente da estimativa de decomposição do spread ex-ante da FIPECAFI (2004, 2005), especificamente pelo fato de que esta última apresentava, para o primeiro semestre de 2005: a inadimplência como o segundo maior componente e o resíduo líquido como o menor componente.

Ao comparar os resultados encontrados com o relatório mais recente do Banco Central do Brasil (2008) supracitado, observa-se que a diferença mais significativa é na ordem de importância dos componentes, visto que as estimativas deste último apontam a inadimplência como o componente mais importante (com tendência de crescimento desde 2001) e o custo administrativo como o terceiro maior componente (com significativa oscilação). Este fato está relacionado com as diferenças entre as duas metodologias, conforme explicado anteriormente.

4.2. *Evolução do spread bancário total por segmentos de bancos*

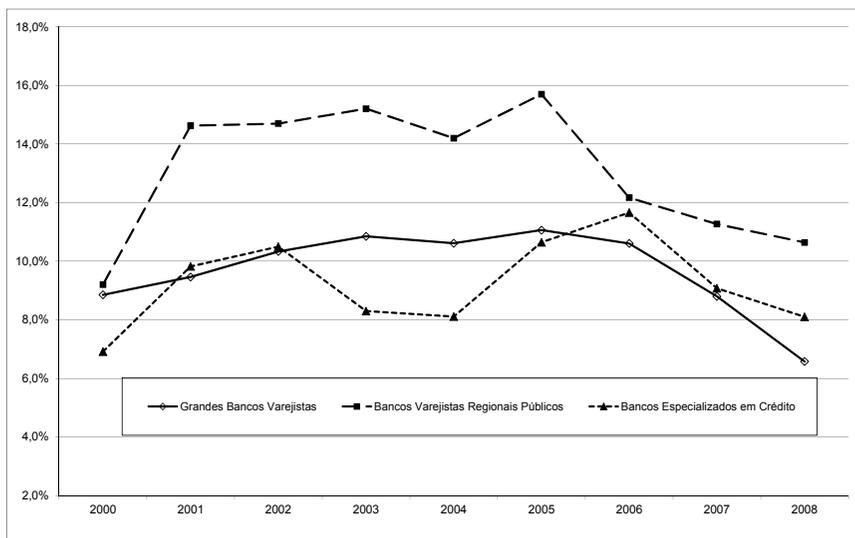
Na análise do setor bancário por segmento, primeiramente analisamos a trajetória do spread bancário ao longo do período de análise. Os valores apresentados são a média simples na qual cada banco tem peso igual em cada período. Dessa forma temos uma medida comportamental de cada segmento do setor bancário – tal como definido anteriormente – em relação a sua política de juros, com exceção dos grandes bancos varejistas.

Na Figura 2 observamos que há uma tendência de redução do spread total a partir de 2005, mais acentuada para os grandes bancos varejistas, e em menor grau para os bancos varejistas regionais públicos e para os bancos especializados em crédito, sendo que estes últimos apresentaram um pequeno aumento em 2008. Cabe ressaltar que para todos os segmentos essa redução não resultou em patamares inferiores aos observados no início do período de análise.

O segmento que apresenta o menor spread total a partir de 2005 é o dos grandes bancos varejistas. Na maior parte do período, o maior spread total é do segmento bancos varejistas regionais públicos, com uma média de 13,1% em 2001-2008, ainda que declinante a partir de 2006, enquanto que o segmento dos grandes bancos varejistas teve uma média de 9,7%, e dos bancos especializados no crédito de 9,2%. Destaca-se ainda o aumento no nível de spread total dos bancos especializados em crédito, uma vez que estes apresentaram o menor spread em alguns anos do início do período (8,9% em 2000-2003), quando tinham evolução do spread próxima a dos grandes bancos varejistas.

Na Figura 3 observamos que, dentre os grandes bancos varejistas, os bancos públicos são os que apresentam o menor spread total na maior parte do período (média de 8,1% em 2000-08), exceto no primeiro ano (2000) e no último ano (2008), seguidos dos bancos privados (8,9% no mesmo período). Os bancos varejistas

Fig. 2. Spread total por segmentos de bancos



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do BCB.

estrangeiros são o segmento de maior spread total no período 2000-08 (média de 11,1% a.a.), atingindo a mais de 12% em 2002-03. Os bancos privados nacionais, por sua vez, apresentaram uma trajetória de diminuição do spread a partir de 2005, atingindo em 2008 o menor spread total entre as três categorias.

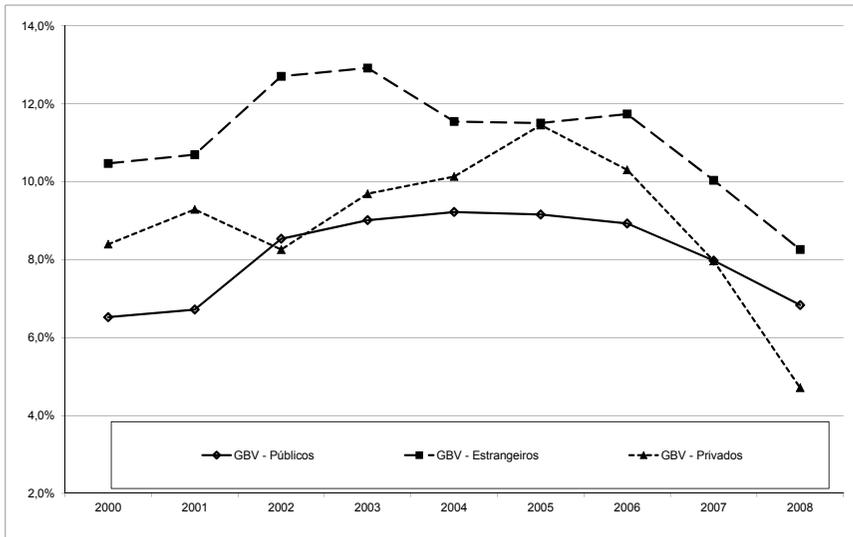
4.3. Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos

A análise da decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos nesta seção será realizada em duas etapas: a primeira com os dados em termos de participação percentual em relação ao spread total; e a segunda com os dados das taxas em valores absolutos (divididos pelo ativo operacional), calculadas de acordo com a metodologia detalhada na subseção 3.1.

Os dados estão, respectivamente, na Tabela A1 e na Tabela A2, em anexo. Assim como o spread total, os dados são médias simples onde cada banco tem peso igual dentro do seu segmento de forma a obtermos uma medida comportamental do segmento. A linha média das tabelas é a média do componente nos períodos observados, sendo que para esta média cada período tem peso igual independente de quantos bancos apareçam na amostra do segmento no respectivo período.

Podemos então passar para a análise dos componentes do spread total em

Fig. 3. Spread total por grandes bancos varejistas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do BCB.

termos de participação percentual (Tabela A1). Os resultados confirmam algumas tendências observadas na decomposição do spread bancário para o conjunto de bancos da amostra. Observa-se que todos os segmentos, excetuando o segmento dos bancos especializados em crédito, mas incluindo os três subsegmentos dos grandes bancos varejistas (público, estrangeiro e privado), apresentam redução da participação das despesas estruturais na composição do spread, que, entretanto, continua tendo o maior peso relativo na decomposição contábil do spread em todos segmentos. A tendência de crescimento, a partir de 2005, da participação relativa do segundo maior componente do spread, o resíduo líquido, é confirmada de forma clara para os bancos regionais públicos e para os bancos especializados em crédito. No caso deste último segmento, observa-se, entretanto, uma forte queda no resíduo líquido no período 2000-03 para 2004-08, quando cai para cerca da metade do período anterior (tanto em termos absolutos quanto percentuais). Para os grandes bancos varejistas, este aumento de importância do resíduo líquido a partir de 2005 é observado de forma consistente somente no subsegmento dos bancos estrangeiros, enquanto apresenta oscilação no subsegmento dos bancos privados nacionais, com aumento relevante em 2008. Entre os três grandes segmentos, observamos que os bancos varejistas regionais públicos apresentam a maior participação relativa das despesas estruturais, menor participação relativa da inadimplência e (a partir de 2006) um forte aumento do resíduo líquido.

Ao observar os subsegmentos dos grandes bancos varejistas, pode-se verificar que os grandes bancos privados nacionais possuem, a partir de 2005, participação do resíduo líquido superior aos outros dois subsegmentos (públicos e estrangeiros) e aos outros dois segmentos (públicos regionais e especializados em crédito). Além disso, também depois de 2005, a participação do resíduo líquido nos grandes bancos estrangeiros, em relação aos grandes bancos públicos, algumas vezes é superior e outras vezes é inferior.

Os grandes bancos varejistas públicos – que têm na maior parte do período a menor taxa de spread total entre todos os segmentos – apresentam, em comparação com os dois outros segmentos de grandes bancos varejistas (privado nacional e estrangeiro), a maior participação relativa das despesas estruturais e, a partir de 2004, a menor participação relativa de inadimplência. No que se refere ao resíduo líquido, os grandes bancos públicos apresentam, a partir de 2004, participações menores do que os grandes bancos privados nacionais, mas nem sempre inferiores aos grandes bancos estrangeiros.

Analisando a decomposição do spread total em valores absolutos (dividido pelo ativo operacional), de acordo com a Tabela A2, podemos tecer algumas observações.

Em primeiro lugar, em todos os segmentos de bancos, a trajetória do spread total acompanha em boa medida a evolução da taxa de despesas estruturais, que é o seu principal componente na decomposição contábil.²¹ De modo geral, observa-se em todos os segmentos analisados uma redução na taxa de despesas estruturais, com exceção dos bancos especializados no crédito. A redução é maior nos grandes bancos varejistas, que é o segmento com maior potencial para obter economias de escala dado seu maior porte. Em média, os bancos varejistas regionais públicos apresentam a maior taxa de despesas estruturais (8,6%), enquanto nos demais segmentos a média desta taxa varia de 4,8% (grandes bancos varejistas privados) a 6,5% (grandes bancos varejistas estrangeiros). Destaca-se, a diferença na média da taxa de despesas estruturais entre os grandes bancos varejistas públicos (5,2%) e os bancos varejistas regionais públicos.

Por sua vez, a taxa de inadimplência de modo geral aumenta a partir de 2004, com exceção dos bancos varejistas regionais públicos. Este aumento coincide com a tendência de recomposição da oferta de crédito bancário, que tinha atingido seu piso no período 2001/2003, quando chegou a atingir 23% do PIB, e passou a crescer continuamente desde então. Portanto, é natural que o aumento na taxa de inadimplência acompanhe este movimento de crescimento no crédito, uma vez que ela é calculada com base nas despesas com provisão de crédito para liquidação duvidosa.

Com relação ao resíduo líquido, que é um item de maior oscilação no período analisado, observa-se, por um lado, uma média no período 2000-08 semelhante entre os segmentos grandes bancos varejistas (1,6%), bancos varejistas regionais

²¹ Vale ressaltar que a taxa de despesa estrutural inclui todas as despesas de pessoal e administrativas da instituição e não apenas as despesas de pessoal e administrativas ligadas a atividade de concessão de crédito.

públicos (1,8%) e bancos especializados no crédito (1,6%), e uma tendência geral de crescimento. Esta tendência é maior no segmento dos bancos varejistas regionais públicos e nos grandes bancos varejistas privados, cujo resíduo líquido passa, respectivamente, de 0,8% e 1,1% em 2000-03 para 2,5% e 2,2% em média em 2004-08. No caso dos bancos varejistas privados, o pico ocorre em 2005/2006 quando atinge mais de 3,1%. Por sua vez, o resíduo líquido dos bancos varejistas regionais públicos, após resultados iniciais negativos, eleva-se bastante a partir de 2005.

Nesse contexto da análise do resíduo líquido, vale lembrar a tendência mostrada por Guimarães (2002), de que entre 1995 e 2001 os bancos domésticos privados apresentaram maiores margens que os bancos estrangeiros, sendo estes com margens superiores aos bancos domésticos públicos. Como visto, o presente trabalho apresenta segmentação de bancos mais específica, separando os grandes bancos varejistas (públicos, privados e estrangeiros) dos regionais públicos e dos privados especializados em crédito. Dentre os grandes bancos de varejo, quando se compara o segmento dos grandes bancos varejistas estrangeiros e grandes bancos varejistas privados, observa-se uma média no período 2000-08 bastante próxima, ainda que tenha crescido bem mais no subperíodo 2004-08 no caso dos privados nacionais (2,2% em média) em relação aos estrangeiros (1,4%). Da mesma forma, a média do resíduo líquido dos grandes bancos varejistas públicos cresceu significativamente no subperíodo 2004-08 (1,5%) em relação ao subperíodo anterior.

De fato a redução na taxa de despesas estruturais e o aumento no resíduo líquido dos grandes bancos varejistas públicos (Banco do Brasil e CEF) parece evidenciar a mudança na administração desses bancos, que após serem saneados, passaram a ser geridos a partir de uma lógica mais próxima da administração privada (Vidotto 2006). Ressalta-se, entretanto, que tal estratégia não resulta necessariamente em perda da eficiência econômica (papel anticíclico e suporte a segmentos mais precários do mercado de crédito) e social (atendimento de público de baixa renda, operacionalização de programas públicos, como bolsa-família) por parte dos bancos públicos (Hermann 2010; Paula e Faria Jr 2010).

Por fim, uma observação geral é que a redução na taxa de despesas estruturais foi acompanhada, grosso modo, de um aumento no resíduo líquido, sendo esta tendência mais marcante para os grandes bancos varejistas privados, resultado que pode dar suporte a hipótese de que esses últimos bancos repassaram parte de seus ganhos de eficiência produtiva para suas margens líquidas, e não para os consumidores por meio de melhorias de taxas. Contudo, esta é apenas uma hipótese que deve ser investigada de forma aprofundada.

5. Conclusão

Este artigo avaliou a decomposição do spread bancário ex-post no Brasil, utilizando o método de decomposição contábil para avaliar e comparar o comportamento e estrutura do spread entre os diferentes segmentos do setor bancário brasileiro. Os resultados apresentados podem apontar algumas tendências

recentes quanto a estrutura do spread no Brasil.

No que se refere a tendência geral da trajetória do spread total, observa-se uma tendência de ampliação até 2005 – em função do forte peso relativo das despesas estruturais e em menor grau dos impostos – e de redução significativa a partir de 2006. Esta redução é observada em todos os segmentos de bancos analisados neste trabalho, sendo mais acentuada no caso dos bancos varejistas regionais públicos e dos bancos privados nacionais. A redução no spread total a partir de 2006 foi acompanhada de um aumento de participação relativa do resíduo líquido, que é o segundo maior componente do spread após as despesas estruturais, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores: aumento na participação da taxa de serviços, diminuição nas despesas estruturais e queda nos impostos, em que pese o aumento do peso relativo da inadimplência na decomposição do spread. A participação da taxa de despesas estruturais no spread reduziu em quase todos os segmentos analisados no período (grandes bancos varejistas em seus três segmentos – públicos, estrangeiros e privados nacionais –, e bancos varejistas regionais públicos), o que pode expressar em parte o fato de que a melhoria na eficiência operacional dos bancos de varejo (expresso na redução nos custos operacionais) tem sido uma preocupação geral desses bancos, inclusive dos bancos públicos.

Entre os três grandes segmentos analisados, os bancos varejistas regionais públicos apresentam, em sua decomposição do spread total, a menor participação relativa da inadimplência, a maior participação relativa das despesas estruturais e um forte aumento no peso relativo do resíduo líquido, o que poderia ser sinal de maior ineficiência dessas instituições em relação às demais. Contudo, deve-se ressaltar que a atuação, em geral, dos bancos públicos, em relação aos privados, é mais diversificada e complexa do que a hipótese simplista de “mais despesas estruturais e de inadimplência e menores margens”, que poderia ser esboçada a partir dos dados de dezembro de 2002 disponibilizados por Costa e Nakane (2005b). Bancos regionais – como BNB e BASA – frequentemente operam com agências em municípios mais pobres que não são considerados rentáveis pelos grandes bancos, e administram fundos e programas (como o microcrédito no caso do BNB) de conteúdo social.

Por fim, no que se refere aos subsegmentos por controle de capital do grupo de “grandes bancos varejistas” – públicos, estrangeiros e privados nacionais – observou-se que o subsegmento dos bancos estrangeiros apresentou spreads mais elevados em relação aos outros segmentos, sendo que em particular o spread menor tem sido dos bancos públicos. Os bancos privados nacionais e os bancos estrangeiros, por sua vez, são aqueles que apresentam maiores resíduos líquidos vis-à-vis os bancos públicos, sendo que nesses últimos há uma clara melhora no período 2004-08. Já a taxa de despesas estruturais – como assinalado o principal componente da decomposição do spread – diminuiu nos três subsegmentos considerados no período 2000-08. Conclui-se, assim, que os três subsegmentos por controle de capital (públicos, estrangeiros e privados nacionais) apresentaram bons resultados na atividade de intermediação financeira no período do boom do crédito de 2004-08, decorrentes tanto do controle das despesas estruturais (que inclui despesas de

peçoal e administrativa) quanto de spreads elevados em contexto de forte expansão da oferta de crédito. Os grandes bancos varejistas públicos passaram a ter um comportamento gerencial e desempenho semelhante ao dos outros subsegmentos.²² É possível que tais bancos tenham se beneficiado de economias de escala decorrentes de um aumento no volume de operações financeiras em um contexto de contenção em sua estrutura de custos operacionais.

Para futuros estudos sobre spread bancário, um caminho interessante seria analisar os spreads bancários por banco e individualizados por segmento de crédito (cheque especial, crédito ao consumidor, capital de giro, etc.), uma vez que o spread médio não capta a diversificação do portfólio do banco. Vale lembrar que um banco pode apresentar o spread médio superior aos outros simplesmente por atuar em maior grau com categorias de produtos mais rentáveis. Outro caminho de investigação promissor é aprofundar a possível diferença dos resultados em termos do spread ex-ante (precificado) em relação ao spread ex-post (resultado contábil).

Referências bibliográficas

- Banco Central do Brasil (1999). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2000). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil – Avaliação de 1 ano do projeto. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2001). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil – Avaliação de 2 anos do projeto. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2002). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil – Avaliação de 3 anos do projeto. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2003). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil – Avaliação de 4 anos do projeto. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2004). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil – Avaliação de 5 anos do projeto. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2005). Relatório de Economia Bancária e Crédito. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2006). Relatório de Economia Bancária e Crédito. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2007). Relatório de Economia Bancária e Crédito. Brasília: BCB.
- Banco Central do Brasil (2008). Relatório de Economia Bancária e Crédito. Brasília: BCB.
- Brock, P. L. & Rojas-Suarez, L. (2000). Understanding the behavior of bank spreads in Latin America. *Journal of Development Economics*, 63:113–134.
- Carvalho, F. C. (2007). Estrutura e padrões de competição no sistema bancário brasileiro: Uma hipótese para investigação e alguma evidência preliminar. In Paula, L. F. & Oreiro, J. L., editors, *Sistema Financeiro: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro*. Campus/Elsevier, Rio de Janeiro.

²² Cabe destacar que o Banco do Brasil adquiriu em 2008-09 o Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), Banco do Estado do Piauí e Nossa Caixa.

- Costa, A. C. & Nakane, M. (2005a). Crédito direcionado e custo das operações de crédito livre: Uma avaliação do subsídio cruzado do crédito imobiliário e rural no Brasil. Relatório de Economia Bancária e Crédito Capítulo III, Banco Central do Brasil. Disponível em <http://www.bcb.gov.br/?SPREAD>. Acesso em 20/08/2008.
- Costa, A. C. & Nakane, M. (2005b). Revisiting the methodology for the bank interest spread decomposition in Brazil: An application of the theory of cost allocation. Disponível em <http://www.ibmecsp.edu.br/pesquisa/modules/papers.php?topicid=39&type>.
- Demirgüç-Kunt, A. & Huizinga, H. (1999). Determinants of commercial bank interest margins and profitability: Some international evidence. *World Bank Economic Review*, 13:379–408.
- Dick, A. (1999). Banking Spreads in Central America: Evolution, Structure, and Behavior. HIID Development Discussion Papers, Harvard Institute for International Development, Cambridge.
- FIPECAFI (2004). Relatório Final: Estudo sobre a estrutura da taxa de juros no Brasil, apuração do spread da indústria bancária. 61p.
- FIPECAFI (2005). Estudo sobre a apuração do spread da indústria bancária. 35p.
- Guimarães, P. (2002). How does foreign entry affect the domestic banking market? The Brazilian case. *Latin American Business Review*, 3:121–140.
- Hermann, J. (2010). Desenvolvimento financeiro e concorrência privada: desafios para a funcionalidade macroeconômica dos bancos públicos. In Jayme Jr., F. and Crocco, M., editor, *Bancos Públicos e Desenvolvimento*. IPEA, Rio de Janeiro.
- Leal, R. M. (2006). Estrutura e determinantes do spread bancário no Brasil: Uma resenha comparativa da literatura empírica. Master's thesis, PPGCE/UERJ.
- Leal, R. M. (2007). Estrutura e determinantes do spread bancário no Brasil após 1994: Uma análise da literatura empírica. In Paula, L. F. & Oreiro, J. L., editors, *Sistema Financeiro: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro*. Campus/Elsevier, Rio de Janeiro.
- Leal, R. M. & Paula, L. F. (2011). Spread bancário: Uma análise comparativa a partir da literatura internacional. *Análise Econômica*, 29:85–108.
- Levine, R. (2004). Finance and growth: Theory and evidence. NBER Working Paper 10766, National Bureau of Economic Research, Cambridge.
- Matias, A. B. (2006). Condições estruturais do sistema bancário brasileiro: O spread bancário brasileiro. *Estudos CODEMEC*, 54.
- Matos, O. C. (2002). Desenvolvimento do sistema financeiro e crescimento econômico no Brasil: Evidências de causalidade. Trabalhos para Discussão 49, Banco Central do Brasil, Brasília.
- Oreiro, J. L., Paula, L. F., Silva, G. J. C., & Ono, F. H. (2006). Determinantes macroeconômicos do spread bancário no Brasil: Teoria e evidência recente. *Economia Aplicada*, 10:609–634.
- Paula, L. F. & Faria Jr, J. A. (2008). Eficiência bancária e expansão do crédito no Brasil: Uma avaliação recente. *Prêmio IPEA-Caixa 2007 – Monografias Premiadas*, IPEA, Brasília.
- Paula, L. F. & Faria Jr, J. A. (2010). Eficiência dos bancos públicos no Brasil: Uma avaliação empírica. In Jayme Jr., F. & Crocco, M., editors, *Bancos Públicos e Desenvolvimento*. IPEA, Rio de Janeiro.
- Paula, L. F. & Leal, R. M. (2006). Custo do crédito no Brasil: Uma avaliação recente.

Indicadores Econômicos FEE, 34:91–102.

Singh, A., Belaisch, A., Collyns, C., De Masi, P., Krieger, R., Meredith, G., & Rennhack, R. (2005). Stabilization and reform in Latin America: A macroeconomic perspective on the experience since the early 1990s. Occasional Paper 238, IMF.

Vidotto, C. (2006). Reforma dos bancos federais brasileiros: Programa, base doutrinária e afinidades teóricas. *Economia e Sociedade*, 14:57–84.

World Bank & IMF (2005). Indicators of financial structure, development, and soundness. In: *Financial Sector Assessment: A Handbook*, World Bank, IMF, Ch. 2, pp. 15–33.

Tabela A1 – Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos (em participação percentual)

Ano	Grandes Bancos Varejistas				Bancos Varejistas Regionais Públicos				Bancos Especializados em Crédito						
	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido
2000	100,0%	10,0%	71,3%	7,8%	10,9%	100,0%	30,3%	84,0%	10,5%	-24,8%	100,0%	6,6%	56,2%	12,6%	24,5%
2001	100,0%	16,0%	67,9%	7,7%	8,5%	100,0%	5,8%	76,6%	11,9%	5,7%	100,0%	17,8%	54,2%	9,9%	18,0%
2002	100,0%	13,6%	56,8%	11,4%	18,3%	100,0%	14,8%	59,4%	13,2%	12,5%	100,0%	16,7%	51,6%	9,7%	22,0%
2003	100,0%	14,8%	57,0%	9,4%	18,8%	100,0%	7,2%	63,9%	10,4%	18,5%	100,0%	10,3%	45,6%	12,8%	31,3%
Média	100,0%	13,6%	63,2%	9,0%	14,1%	100,0%	14,5%	71,0%	11,5%	3,0%	100,0%	12,9%	51,9%	11,3%	24,0%
2000/03															
2004	100,0%	12,5%	60,3%	12,2%	15,0%	100,0%	2,8%	69,2%	13,9%	14,1%	100,0%	16,0%	58,7%	11,2%	14,1%
2005	100,0%	15,0%	53,7%	12,2%	19,1%	100,0%	10,7%	63,3%	11,0%	15,0%	100,0%	26,3%	59,7%	8,0%	6,0%
2006	100,0%	17,7%	49,8%	11,0%	21,5%	100,0%	8,3%	59,5%	9,3%	22,8%	100,0%	20,5%	54,3%	10,3%	15,0%
2007	100,0%	17,6%	50,7%	11,5%	20,2%	100,0%	7,1%	61,6%	5,4%	25,8%	100,0%	11,6%	55,8%	17,4%	15,3%
2008	100,0%	26,1%	56,8%	5,6%	11,5%	100,0%	7,8%	59,0%	7,9%	25,3%	100,0%	22,1%	57,7%	6,4%	13,7%
Média	100,0%	17,8%	54,3%	10,5%	17,5%	100,0%	7,4%	62,5%	9,5%	20,6%	100,0%	19,3%	57,2%	10,6%	12,8%
2004/08															
Média do período	100,0%	15,9%	58,3%	9,9%	16,0%	100,0%	10,5%	66,3%	10,4%	12,8%	100,0%	16,4%	54,9%	10,9%	17,8%

Tabela A1 – Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos (em participação percentual) – cont.

Ano	GBV – Públicos				GBV – Estrangeiros				GBV – Privados						
	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido
2000	100,0%	9,6%	90,6%	7,6%	-7,7%	100,0%	6,6%	66,9%	9,2%	17,3%	100,0%	14,3%	69,4%	6,1%	10,2%
2001	100,0%	35,2%	95,2%	7,7%	-38,1%	100,0%	11,4%	63,7%	8,0%	16,9%	100,0%	15,6%	64,1%	7,1%	13,2%
2002	100,0%	12,2%	62,4%	10,7%	14,7%	100,0%	9,2%	52,9%	14,4%	23,6%	100,0%	22,9%	61,3%	6,0%	9,9%
2003	100,0%	12,7%	56,7%	12,2%	18,4%	100,0%	13,5%	58,3%	8,2%	20,0%	100,0%	17,5%	55,4%	9,6%	17,4%
Média	100,0%	17,4%	76,2%	9,5%	-3,2%	100,0%	10,2%	60,4%	10,0%	19,4%	100,0%	17,6%	62,5%	7,2%	12,7%
2000/03															
2004	100,0%	12,3%	61,5%	9,7%	16,5%	100,0%	12,3%	65,6%	13,3%	8,8%	100,0%	12,7%	52,2%	11,9%	23,1%
2005	100,0%	14,8%	57,4%	14,4%	13,4%	100,0%	14,8%	60,6%	10,3%	14,4%	100,0%	15,3%	43,7%	13,7%	27,2%
2006	100,0%	16,8%	55,4%	6,1%	21,7%	100,0%	18,2%	52,4%	12,9%	16,6%	100,0%	17,6%	44,3%	11,1%	27,1%
2007	100,0%	15,0%	58,4%	7,3%	19,4%	100,0%	19,0%	49,9%	12,9%	18,3%	100,0%	17,0%	48,0%	11,8%	23,1%
2008	100,0%	19,4%	57,3%	5,5%	17,8%	100,0%	26,6%	55,9%	13,2%	4,4%	100,0%	31,8%	58,0%	-7,5%	17,7%
Média	100,0%	15,7%	58,0%	8,6%	17,7%	100,0%	18,2%	56,9%	12,5%	12,5%	100,0%	18,9%	49,3%	8,2%	23,7%
2004/08															
Média do período	100,0%	16,4%	66,1%	9,0%	8,4%	100,0%	14,6%	58,4%	11,4%	15,6%	100,0%	18,3%	55,2%	7,8%	18,8%

Fonte : Elaboração própria com base nos dados do BCEI.

Tabela A2 – Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos (em taxas com valor absoluto)

Ano	Grandes Bancos Varejistas					Bancos Varejistas Regionais Públicos					Bancos Especializados em Crédito				
	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido
2000	8,9%	0,9%	6,3%	0,7%	1,0%	9,2%	2,8%	7,7%	1,0%	-2,3%	6,9%	0,5%	3,9%	0,9%	1,7%
2001	9,5%	1,5%	6,4%	0,7%	0,8%	14,6%	0,8%	11,2%	1,7%	0,8%	9,8%	1,8%	5,3%	1,0%	1,8%
2002	10,3%	1,4%	5,9%	1,2%	1,9%	14,7%	2,2%	8,7%	1,9%	1,8%	10,5%	1,8%	5,4%	1,0%	2,3%
2003	10,8%	1,6%	6,2%	1,0%	2,0%	15,2%	1,1%	9,7%	1,6%	2,8%	8,3%	0,9%	3,8%	1,1%	2,6%
Média	9,9%	1,4%	6,2%	0,9%	1,4%	13,4%	1,7%	9,3%	1,6%	0,8%	8,9%	1,2%	4,6%	1,0%	2,1%
2000/03															
2004	10,6%	1,3%	6,4%	1,3%	1,6%	14,2%	0,4%	9,8%	2,0%	2,0%	8,1%	1,3%	4,8%	0,9%	1,1%
2005	11,1%	1,7%	5,9%	1,3%	2,1%	15,7%	1,7%	9,9%	1,7%	2,3%	10,6%	2,8%	6,4%	0,8%	0,6%
2006	10,6%	1,9%	5,3%	1,2%	2,3%	12,2%	1,0%	7,2%	1,1%	2,8%	11,7%	2,4%	6,3%	1,2%	1,7%
2007	8,8%	1,5%	4,5%	1,0%	1,8%	11,3%	0,8%	6,9%	0,6%	2,9%	9,1%	1,1%	5,1%	1,6%	1,4%
2008	6,6%	1,7%	3,7%	0,4%	0,8%	10,6%	0,8%	6,3%	0,8%	2,7%	8,1%	1,8%	4,7%	0,5%	1,1%
Média	9,5%	1,6%	5,2%	1,0%	1,7%	12,8%	0,9%	8,0%	1,3%	2,5%	9,5%	1,9%	5,4%	1,0%	1,2%
2004/08															
Média do período	9,7%	1,5%	5,6%	1,0%	1,6%	13,1%	1,3%	8,6%	1,4%	1,8%	9,2%	1,6%	5,1%	1,0%	1,6%

Tabela A2 – Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos (em taxas com valor absoluto) – cont.

Ano	GBV – Públicos				GBV – Estrangeiros				GBV – Privados						
	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido	Spread total	Tx.de inadimplência	Tx.de desp. estruturais	Tx.de impostos	Res. líquido
2000	6,5%	0,6%	5,9%	0,5%	-0,5%	10,5%	0,7%	7,0%	1,0%	1,8%	8,4%	1,2%	5,8%	0,5%	0,9%
2001	6,7%	2,4%	6,4%	0,5%	-2,6%	10,7%	1,2%	6,8%	0,9%	1,8%	9,3%	1,4%	6,0%	0,7%	1,2%
2002	8,5%	1,0%	5,3%	0,9%	1,3%	12,7%	1,2%	6,7%	1,8%	3,0%	8,3%	1,9%	5,1%	0,5%	0,8%
2003	9,0%	1,1%	5,1%	1,1%	1,7%	12,9%	1,7%	7,5%	1,1%	2,6%	9,7%	1,7%	5,4%	0,9%	1,7%
Média	7,7%	1,3%	5,7%	0,8%	0,0%	11,7%	1,2%	7,0%	1,2%	2,3%	8,9%	1,6%	5,6%	0,6%	1,1%
2000/03															
2004	9,2%	1,1%	5,7%	0,9%	1,5%	11,5%	1,4%	7,6%	1,5%	1,0%	10,1%	1,3%	5,3%	1,2%	2,3%
2005	9,2%	1,4%	5,3%	1,3%	1,2%	11,5%	1,7%	7,0%	1,2%	1,7%	11,5%	1,8%	5,0%	1,6%	3,1%
2006	8,9%	1,5%	4,9%	0,5%	1,9%	11,7%	2,1%	6,2%	1,5%	1,9%	10,3%	1,8%	4,6%	1,1%	2,8%
2007	8,0%	1,2%	4,7%	0,6%	1,5%	10,0%	1,9%	5,0%	1,3%	1,8%	8,0%	1,4%	3,8%	0,9%	1,8%
2008	6,8%	1,3%	3,9%	0,4%	1,2%	8,3%	2,2%	4,6%	1,1%	0,4%	4,7%	1,5%	2,7%	-0,4%	0,8%
Média	8,4%	1,3%	4,9%	0,7%	1,5%	10,6%	1,9%	6,1%	1,3%	1,4%	8,9%	1,5%	4,3%	0,9%	2,2%
2004/08															
Média do período	8,1%	1,3%	5,2%	0,7%	0,8%	11,1%	1,6%	6,5%	1,3%	1,8%	8,9%	1,5%	4,8%	0,8%	1,7%

Fonte : Elaboração própria com base nos dados do BCEI.